



Tempo e Eternidade em Santo Tomás de Aquino¹ Time and Eternity in Saint Thomas Aquinas

Carlos NOUGUÉ²

Resumo: Análise dos conceitos de tempo e eternidade na filosofia de Tomás de Aquino.

Abstract: Analysis of the concepts of time and eternity in the philosophy of Thomas Aquinas.

Palavras-chave: Tempo – Eternidade – Deus – Tomás de Aquino.

Keywords: Time – Eternity – God – Thomas Aquinas.

Em primeiro lugar, é um privilégio poder falar para uma platéia de religiosos e candidatos a religiosos, seminaristas, padres e freiras. O privilégio é todo meu, um simples leigo. Segundo, a matéria que eu vou tratar, e especialmente porque muitos aqui não estiveram na parte da manhã, eu anuncio desde já: é um pouco árdua. Tenham, portanto, um pouco de paciência ante as dificuldades da matéria em si. Quem dera pudéssemos falar um ano sobre isso! Mas garanto que algo fica. Então que sirva tudo quanto eu vou dizer de estímulo ao estudo de Santo Tomás, e nada mais. Não podemos esgotar em tão pouco tempo um assunto tão complexo quanto este, nem muito menos o do tema da manhã que foi o pensamento geral de São Tomás de Aquino, que é sem dúvida nenhuma o mais completo e complexo pensador de todos os tempos.

Antes ainda de entrar no tema *Tempo e Eternidade*, eu vou tratar de um assunto que tratei pela manhã rapidamente porque suscitou polêmicas. Argumentei eu aqui que Deus não poderia tudo, ao que se retrucou, então, que Ele não seria todo-poderoso. Vamos explicar isso melhor. Primeiro, de fato, uma coisa Ele não pode de maneira absoluta: Pecar. O pecado é em verdade, em verdade, um nada. Lembremos que para Santo Tomás, nas pegadas de Santo

¹ Conferência proferida na Semana Acadêmica *Tempo e Eternidade na Idade Média*, evento organizado pelo *Instituto Sapientia de Filosofia* (Seminário Bom Pastor, Francisco Beltrão, PR) no dia 12 de maio de 2010.

² Membro do *Angelicum – Instituto Brasileiro de Filosofia e de Estudos Tomistas*.

Agostinho, o mal não é uma coisa, o mal é uma ausência de coisa. O mal é a ausência de um bem. Por exemplo, a cegueira não é uma coisa, é uma ausência de visão. Logo o pecado é, enquanto mal, a ausência de um bem. Deus não pode a ausência de algo já que Deus é tudo. Tudo enquanto Ser, enquanto Ser perfeito. Então não pode pecar de maneira alguma e nem é responsável pelos pecados cometidos pelos homens e pelos anjos. Dois, a outra impossibilidade, também radical, de que Deus faça é aquilo que se nos afigura como absolutamente impossível.

Eu citei o exemplo: Ele não poderia fazer a Terra girar para a esquerda e para a direita ao mesmo tempo; isso seria ferir o princípio de contradição que reza que aquilo que é não pode não ser ao mesmo tempo sob o mesmo aspecto. Tentam imaginar algo girar para a esquerda e para a direita ao mesmo tempo. Que Ele possa fazer parar o sol, fazer todo e qualquer milagre, alterar o curso da natureza, Ele pode; agora, Ele não pode romper a própria estrutura lógica da realidade. O que gira para a direita, não pode girar para a esquerda ao mesmo tempo. Entre esses extremos há uma larga faixa de discussão entre os teólogos. É São Tomás que Aquino que radicaliza a afirmação de que Deus não poderia certas coisas.

Por exemplo, diz São Tomás que Deus não faz, ou não pode, ou não quer fazer, ou nunca o fará, alterar a essência das coisas. Não poderia Deus transformar um homem em um asno, por exemplo. Tão pouco poderia Deus fazer com que aquilo que já foi deixe de ser, ou seja, que o passado não exista. Diz isso São Tomás, mas ele é o primeiro a dizer que outros tantos teóricos, pensadores e santos católicos admitiram essa possibilidade, como São Damiano, por exemplo. São Damiano admitiu expressamente que Deus poderia fazer aquilo que foi deixar de ser. São Tomás não admite, mas não diz que é herético admitir que Deus pudesse mudar a essência das coisas por algo arbitrário. Diz São Tomás: Ele não é arbitrário porque Ele é a própria causa, o próprio criador da ordem das coisas, logo Ele não se contradiria anulando a ordem que ele mesmo criou, assim como Seus decretos são eternos desde todo o sempre.

Então em termos filosóficos precisos, seria possível Ele alterar a essência dos seres, seria possível Ele fazer com que o passado deixasse de ser; mas não convém, segundo São Tomás de Aquino, e estou com ele. Outros teólogos e doutores da Igreja admitem isso também; agora, unanimemente, sem exceção, afirmam que Deus é incapaz do pecado e incapaz de fazer a Terra girar para a esquerda e para direita ao mesmo tempo. Isso é uma unanimidade e isso não fere a toda potência, o todo poder de Deus. Não fere porque foi Ele mesmo

que criou o mundo e que não se pode fazer a Terra virar para a esquerda e para a direita ao mesmo tempo.

Pois bem, essa discussão na verdade tem implicação no próprio tema aqui. A primeira pergunta quanto a esse tema é perguntar o que é a eternidade. A eternidade é uma palavra que usamos comumente para mil coisas. “Nossal Aquele filme durou uma eternidade”. Não é isso? Quando a coisa é chata, o filme é molesto, o filme é maçante, o filme é monótono, dura uma eternidade. A pessoa é muito velha, dura uma eternidade; [na verdade ela] não dura nada, ela vai morrer, mas durou uma eternidade em comparação com a idade média dos homens. [E há] até o fato de que nós no próprio Credo dizemos “*cremos na vida eterna*”, na vida eterna no âmbito após a morte. Não é isso propriamente a eternidade no sentido filosófico que vamos tratar aqui.

A definição mais perfeita de eternidade é dada por um pensador cristão do fim do Império Romano que morreu condenado por Nero, não é isso historiador? Pois [bem]: Nero, Calígula, algum imperador maluco daqueles lá. Boécio morreu na prisão e escreveu *A Consolação da Filosofia*. E no capítulo 5 ele define a eternidade como a “posse total, simultânea e completa da vida interminável”. Vejam que beleza de definição. Dá um nó na cabeça à primeira vista, mas veja: “a posse total, simultânea e completa da vida interminável”. Tentemos entender porque essa é a definição clássica de eternidade admitida pela maioria dos pensadores e aprofundada enormemente por São Tomás de Aquino na *Suma Teológica*.

Como nós podemos entender a eternidade se a eternidade não nos é dada imediatamente? A eternidade não é uma evidência para nós. Nós nunca vimos nada que é eterno diante dos nossos olhos. Nada! Então como nós podemos conhecer a eternidade? Conhecendo o tempo! Assim como para conhecer um elemento químico simples, temos de partir do composto, decompondo. Nós só podemos conhecer os elementos químicos simples a partir da decomposição de elementos compostos, assim também só conhecemos a eternidade a partir da decomposição do tempo. Então antes de entender e de falar o que é a eternidade, entendamos o que é o tempo.

O tempo sim, o tempo é nosso irmão. Estamos casados com o tempo indefectivelmente. Não é isso? *Somos* tempo. Nascemos, crescemos, envelhecemos e morremos porque *somos* tempo. Os livros amarelam nas bibliotecas porque *são* tempo. Aliás, mais que tempo, as coisas são temporais. Muito bem, o que é o tempo? A definição clássica, e aceita por São Tomás e por mim obviamente, é a dada por Aristóteles: “O tempo é o número (ou numeração, ou contagem) do movimento segundo um antes e um depois”.

Isto é um tempo! Lembremos o que é movimento para Santo Tomás e para Aristóteles. Movimento não só aquele chamado local, mas é também o movimento da geração da corrupção, de envelhecimento, das mudanças. O cabelo que fica branco é um movimento. Ele movimentou-se da cor alourada para branco, no meu caso por exemplo. Toda e qualquer mudança corpórea, toda e qualquer mudança mental, é sempre um movimento é um *motu*, é uma mudança. Movimento (local) e mudança têm o sentido idêntico em Aristóteles e São Tomás.

O tempo é a medida das coisas que mudam ou se movimentam. É um número. Segundo que o antes e o depois é simples. Eu vou correr daqui até ali (e morrer por conta da idade, não?); eu tenho um antes, o iniciar da corrida, e um depois. O número que indica esse movimento entre o antes e o depois é o tempo. O tempo na verdade é uma contagem, uma cronometragem. É a medida das coisas que se movimentam ou mudam é exatamente o tempo, segundo um antes e um depois. Ora, isso não nasce nessa discussão, mas anteriormente.

Deus não se movimenta. Dizia Aristóteles que Deus é o “primeiro motor imóvel”, que move as coisas sem se mover assim como o amado move o amante sem se mover, ou poderíamos acrescentar, assim como uma beleza de uma estátua nos move a ela sem se mover. Assim move os céus e as coisas, Deus, chamado o primeiro motor imóvel por Aristóteles, o que quer dizer que Ele é propriamente imóvel em todos os sentidos, não só no sentido de movimento local, mas no sentido de não sofrer qualquer alteração. Deus não se altera, por isso é que até os seus decretos são bonitos.

Já se disse que a melhor maneira de representar graficamente a Deus é um ponto. A nossa tendência ao representar Deus por sua imensidade é com uma coisa gigante, não é? Um enorme círculo, não? É um ponto! Em Deus não há passado, presente, nem futuro, portanto não há movimento, não há tempo. Em Deus não há mudança. Ele é imutável, seus decretos são imutáveis e por isso, diz São Tomás, que Ele não poderia fazer o passado já não ser, ou não poderia mudar a essência dos entes, exatamente porque suas decisões são instantâneas e imutáveis. É único, pronto e acabado. Como nós entendemos isso? Isso é uma proposta minha, mas se vocês quiserem...

O curso sobre o conhecimento de Deus é outra história. É o conhecimento analógico de Deus. Mas o fato é que Deus é a própria imutabilidade, é a própria permanência do ser. Se o tempo é um número segundo o antes e o depois, e esse antes e depois não tem relação só com esse movimento local, mas com as mudanças substanciais: geração, opção, envelhecimento,

sabedoria, tudo muda. As nossas opiniões mudam. Hoje eu acho isso, amanhã eu acho aquilo, tudo está em movimento. Ora, em Deus não há isso, tudo nele é simultâneo, então o tempo não pode ser a medida de Deus, e portanto não pode o tempo ser uma numeração de algo que na verdade não tem duração.

A numeração só se refere a essa duração em relação a um antes e um depois, logo a eternidade é a medida de Deus. Assim como o tempo é a medida das coisas que se movimentam ou mudam, assim é a eternidade, é a medida da permanência simultânea, total e completa no ser que tem a sua própria posse, que tem a posse de si mesmo sem alteração nenhuma. Se pudéssemos aprofundar isso, nós chegaríamos à conclusão de que as coisas só mudam, nós só existimos enquanto entes mutáveis, enquanto entes em movimento, em mudança, porque há algo que é imutável. Só pode haver coisas relativas, nós somos relativos, nós não somos absolutos, nós morremos, como poderíamos ser absolutos? As coisas materiais se corrompem.

Aliás, uma das provas da existência de Deus, e é belíssima, é aquela que diz, prova da existência de Deus de São Tomás: “Tudo quanto vemos um dia deixará de ser.” Ou seja, são coisas contingentes, elas acabam. “Tudo quanto um dia deixará de ser é porque um dia não foi. Se todas as coisas que existissem fossem assim, ou seja, coisas que um dia não foram, é porque um dia nada foi, como o nada absoluto é impossível; é necessário haver um ente que sempre foi e que sempre será; este é Deus”. Ou seja, aquilo que não muda, aquilo que não se corrompe, aquilo que não tem medida segundo antes e depois e que não tem início e fim. Agora estamos em condições melhores de entender a definição de Boécio para eternidade. A eternidade é a posse total, simultânea. Não há passado, presente ou futuro; é simultânea e completa da vida interminável.

Logo, a eternidade é a medida de Deus, assim como o tempo é a medida dos entes criados por Ele. Esse é o primeiro passo, definir o que é a eternidade. Entendido o que é a eternidade podemos responder, Deus é eterno? Devo dizer duplamente, primeiro não só Ele é eterno, mas ele é a eternidade. Essa também é uma discussão sobre os atributos de Deus. *Como* Deus é. Deus é o único ente que é o próprio ser. Nós temos ser, nós temos existência, e podemos perdê-la, e a perdemos. As coisas aparecem na existência e um dia deixam de ser, não é isso? Mas temos o ser, porque se eu não tivesse o ser eu não existiria. Deus não tem o ser, Deus *é* o ser. Nós temos uma essência. Eu sou homem, isso aqui tem a essência de uma garrafa, toda e qualquer árvore tem a essência de árvore, todo e qualquer cachorro, desde um *pinscher* a um *dog alemão*, tem a essência cão, a essência canina; ora, Deus não tem uma essência, Deus é a sua essência, e sua essência é ser, é existir. É a única existência que

não pode deixar de ser e que nunca deixou de ser. Deus é a própria eternidade. Não é que Ele seja eterno, é mais que isso, Ele é a própria eternidade.

Mas não dizemos nós que teremos a vida eterna? É isso o que dizemos os católicos, mas essa vida eterna [só o é] relativamente falando. Lembrem-se de que eu disse hoje que tudo à sua maneira imita Deus. O mais simples grão de areia imita Deus pelos simples fato de existir. Isso é uma imitação, é o que na filosofia se chama de participação. Imita Deus pelo simples fato de existir. Um vegetal, um talo de grama imita Deus pelo simples fato de ter vida, um cão imita Deus não só pelo simples fato de ser e ter vida, mas de ter algum conhecimento. O homem imita Deus num grau superior, porque além de ser, de ter vida, além de ter vida sensitiva como todo e qualquer animal, tem também uma vida intelectual, e por isso pode dizer que tenha sido criado a Sua semelhança.

E o anjo? O anjo é pura vida intelectual sem matéria corruptível, ou seja, cada ente do universo imita de algum modo Deus, que no entanto é uma essência simples. Quando nós dizemos que Deus é vida, que Deus é ser, que Deus é bondade, que Deus é nobreza, nós estamos explicando no nosso modo pobre humano como é Deus, mas na verdade Deus é uma coisa só, Ele não é particionado. Nós somos particionáveis desde o nosso corpo, nós podemos tirar um órgão, nós podemos tirar uma mão, não é isso? Alma e corpo, eles se separam na morte, nós somos feitos de partes. Deus não tem partes, Ele é só uma coisa, então quando dizemos: Deus é isso, Deus é eternidade, Deus é atividade, Deus é amor, é tudo a mesma coisa. Deus ao conhecer faz, Deus ao fazer, pratica alguma coisa, Deus ao decidir já traça os destinos do universo, Deus ao ser já é eternidade, Deus, *sendo*, já é sua própria essência. Deus é a essência puramente simples, e a eternidade é a medida dessa simplicidade absoluta.

Vejam, o tempo, ou seja, a numeração de algo segundo um antes e um depois, é composto de parte, não?! Para eu chegar daqui ali, cada parte deste meu trajeto é composto de partes, não é? Um antes, um depois, um passo depois, etc., são partes. Qualquer movimento são partes. [...] Tudo o que eu disse aqui foi numa sucessão temporal. Eu não fiz um discurso? Não estou fazendo um discurso? Eu estou dizendo temporalmente segundo um antes e um depois, algumas idéias. Deus não é assim, é tudo simultâneo. Portanto Deus é não só eterno, mas é a própria eternidade, e quando dizemos que nós vamos ter vida eterna depois da morte é por uma imitação da eternidade de Deus.

Assim como um grão de areia imita Deus no próprio fato de ser e existir, assim como um vegetal imita Deus pelo simples fato de ter vida; assim como um animal imita Deus no simples fato de ter vida e vida sensitiva; assim como o homem imita Deus no simples fato de ser, ter vida, ter vida sensitiva e vida intelectual, e assim como o anjo imita Deus pelo simples fato de ter vida intelectual, assim também é ao termos a chamada vida eterna. Estamos participando e imitado a eternidade de Deus. Logo, quando dizemos vida eterna, é um termo não absoluto, é uma imitação, uma participação na eternidade que é Deus mesmo. Repito, Deus não é só eterno, Ele é eternidade, e é impossível outra eternidade.

Passemos agora à outra pergunta, já previamente respondida, mas insistamos. Acabamos de ver que Deus não é só eterno como também é a própria eternidade. Agora, é próprio de Deus, é exclusivo de Deus, esta eternidade? É perfeitamente exclusiva? Sim! Veja, na própria definição de Boécio, está uma posse total, simultânea e completa da vida interminável. Ora, é exatamente o ser interminável, o não ter tido princípio nem fim o que caracteriza a eternidade? Só acidentalmente como se diz em filosofia, não *simpliciter*, não absolutamente. Veja, Deus, todo poderoso, poderia ter criado algo cuja medida é tempo desde a eternidade.

Deus se quisesse poderia ter criado um homem desde sempre, desde que ele é ele, sem dar-lhe nunca um fim. É possível, tem potência absoluta. É possível que Deus fizesse um homem, fizesse um anjo que teoricamente tem potência absoluta desde todo o sempre, é co-infinito a Ele, digamos assim. Isso faria com que esse homem ou esse anjo, co-infinito a Deus, deixasse de ser medido pelo tempo e passasse a ser medido pela eternidade? Não! Porque ainda que fosse esse ente hipotético co-infinito a Deus, ele sempre teria um antes e um depois. Entendem o que é essencial na distinção? Não é ter tido um início e um fim ou não de ter tido, esse é um aspecto, digamos filosoficamente, acidental. Terá que ser assim. O essencial é que seja ou não co-infinito a Deus, alguma coisa criada por Ele, o fato é que sempre teria um antes e um depois, e mais que isso, suponhamos que o universo fosse criado co-infinitamente a Deus mesmo, não tivesse tido um princípio nem um fim, ao contrário do que diz o Gênesis.

O *Gênesis* nos afirma que Deus criou o mundo, o universo no tempo, mas suponhamos, concedamos filosoficamente, que Ele tivesse criado um universo co-infinito a Ele e que não tivesse fim. Seria eterno esse universo? Não, porque até na verdade um princípio ele teria. Por exemplo, você dividiria esse tempo co-infinito a Deus em anos, meses e estações do ano, dividiria? O que tem dia, mês, estação, ano tem um antes e um depois, portanto tem até na

verdade um princípio e um fim dividido por partes. Ora, Deus, lembremos da definição de Boécio, é uma posse total, simultânea e não tem um antes e um depois.

Veja que o estudo da Filosofia, da Metafísica, pressupõe que consigamos cada vez mais abstrairmos a imaginação sensível. Claro, isso não nos é possível totalmente; somos feitos de carne também, nós não conseguimos raciocinar muito sem imaginar alguma coisa, um ponto. Não acabei de dizer, Deus é um ponto? Ora, isso é uma imaginação sensível, não é? Uma pobre aproximação do que é Deus. Nós não conseguimos totalmente, mas esse esforço por alçar-se dos dados sensíveis, dos dados da imaginação e pensar abstratamente o mais possível, faz parte do progresso filosófico de cada um. Então, tudo isso requer um quanto esforço de abstração, mas acho que pelo menos ficam algumas sementes do que eu estou dizendo aqui.

Depois de ver o que é eternidade, e que não só que Deus não é só eterno, mas a própria eternidade, e ver que a eternidade é propriamente de Deus e de mais ninguém, vamos ainda insistir em alguns dados. Firmar alguns dados já ditos; consolidá-los para poder seguir adiante [e entender] a diferença entre tempo e eternidade. O tempo é a medida do movimento ou mudança qualquer. Tudo o que muda pressupõe um tempo. O tempo é a numeração, é a contabilização, a cronometragem, é um número desta coisa que tem um antes e um depois. Pensemos no corpóreo físico, pensemos na evolução de cada uma de nós.

Desde a mais tenra infância até a velhice nós vamos crescendo intelectualmente. Isso é universal, isso faz parte da vida de cada homem. Ora, vamos crescendo segundo um passado, um presente e um futuro, não? Ou seja, segundo um antes e um depois. Mesmo essa realidade que é mais espiritual depende de um antes e um depois e pode ser enumerada ou cronometrada segundo o tempo. Isso é a realidade não só de cada homem, de cada animal, mas de cada ente concreto corpóreo ou de qualquer ente espiritual. Mesmo como o dos anjos, como já dissemos, por partes. Deus é essa coisa simultânea, imutável e permanente no ser em todos os sentidos. Não só não tem corrupção; aliás nem há corpo, não tem matéria, não tem corrupção, não tem movimento e não tem mudança de pensamento.

Veja como é difícil para nós imaginar aquilo que Aristóteles chamava pensamento de pensamento, imaginar um pensamento de pensamento que não muda. É instantâneo, é tudo simultâneo. Tudo! Cada coisa que Deus pensa, faz, cria é simultâneo. Veja a dificuldade de entendermos isso, mas em outra oportunidade veremos que sem essa instantaneidade simultânea, essa concomitância absoluta, essa permanência absoluta no ser, não seria possível

nem sequer [a existência das] coisas temporais corruptíveis. É preciso que haja algo absolutamente imutável, imóvel, que não se move, para que se possam obter coisas que se movem, que geram, que se corrompem, e [saber] se estamos nesse caráter simultâneo de Deus. O conhecimento de Deus, como eu disse aqui, ele não é evidente, obviamente; ele depende de provas, ele depende de raciocínio. É diferente de quando você vê um triângulo, e é inegável que o triângulo tenha três lados. Alguém vai negar que um triângulo não tem três lados? Ele tem que estar fora do seu juízo para negar que o triângulo é composto de três lados. É preciso estar fora do seu juízo para dizer que eu não sou eu, sou o Ricardo. É evidente que eu sou eu e que o Ricardo é o Ricardo, que o triângulo tem três lados, que o quadrilátero tem quatro lados, e que o dog alemão do meu amigo é grande, certo?! Isso é evidente. Absolutamente evidente.

Ora, Deus não é evidente. Dizia São Tomás, “fosse Deus evidente, não haveria Deus”. Claro! Portanto o nosso conhecimento de Deus é pelos efeitos. Nós, olhando para a natureza, pensamos como é possível que algo que não raciocine — uma árvore não raciocina, os astros não raciocinam —, como é possível que algo não tenha inteligência, obedeça a uma ordem perfeita? Como é possível que animais procriem para manter sua espécie? E dizia o velho Platão lá na Grécia: “A procriação da espécie é uma imitação da eternidade de Deus”. Os animais certamente não fizeram uma assembléia e disseram: “- Vamos agora nos perpetuarmos para imitar a Deus em sua eternidade”. E, no entanto, eles se perpetuam. Coisas inconscientes. Tem que haver uma inteligência coordenadora disso tudo.

Por outro lado sabemos que do nada, nada se cria; só Deus. Façamos um esforço de imaginação. Como do nada — e o nada *não é*, o nada não existe —, como que do nada surgiria algo? É engraçado que os defensores da Teoria do *Big Bang* afirmam que o universo surgiu da explosão de uma altamente concentrada partícula de energia, não é assim? Eu até concedo; o problema é quem pois aquela partícula de energia ali. Esse é que é o problema. Surgiu da onde essa partícula de energia? É óbvio que as coisas surgiram do nada, e para que tenham surgido do nada é preciso que tenham surgido do nada pela ação de algo chamado Deus, que faz com que do nada apareça tudo. Mas veja, não entendamos o nada como um antes. Um nada, nada é e, portanto, não está submetido a nenhuma medida, nem da eternidade nem do tempo.

Ora, o tempo é a medida segundo o antes e o depois; o nada não tem antes nem depois; o nada, nada é. Estamos diante de um tremendo mistério. Constatável pela razão, mas explicável só parcialmente pelo nosso próprio intelecto. Assim como o nosso conhecimento de Deus é pelos efeitos, vendo

a natureza pensamos: é impossível que haja uma natureza tão ordenada, tão regular como a valsa dos astros no céu, com a ordenação, com a ordem, com que giram em torno de si mesmos. Com essa ordem é impossível que um dia as pedrinhas implícitas na ínfima partícula de energia do *Big Bang* tenham feito uma assembléia permanente e dissessem: agora vamos pôr ordem no céu e agora deixemos de pôr, e acabemos com essa porcaria de Universo. É impossível! Há que haver, é preciso ter uma inteligência superior. Ora, isso é conhecer a Deus pelos efeitos, não pela causa. Quando vemos alguém assassinar a outro nós sabemos que esse outro morreu porque vimos a causa, não é isso? Nosso conhecimento desse assassinato se deve e esse conhecimento da causa. Nós vimos a causa daquele assassinato. Ora, nós não vemos Deus em causa, mas vemos os efeitos.

No caso do assassinato, a gente conhece as causas *a priori*. É o chamado conhecimento a priori, da causa para o efeito. Quando nós conhecemos a Deus pelos seus efeitos é o chamado conhecimento *a posteriori*, pelos efeitos para a causa e esse conhecimento não pode ser senão analógico. Veja, eu acabei de dizer que Deus é a mesma eternidade e que a eternidade é a medida de Deus, ao passo que o tempo é a medida de todas as coisas criadas por Ele. Mas digo eu, *criou* Ele desde toda a eternidade, e acabei de usar um verbo no passado: “criou”. Eu estou usando uma referência temporal, marcadores temporais do passado. Não é isso? Deus *fará* o juízo final, mas como fará se Ele não tem presente, passado, futuro e ele é simultâneo? Veja é isso que se chama conhecimento analógico. Mesmo sabendo dessa realidade exatamente porque nós somos seres imersos no tempo, é que não nos podemos nos referir a Deus, que é a própria eternidade, se não com pensamentos limitados do próprio tempo. Só conhecemos a Deus analogicamente. Claro, os mistérios de Deus, o mistério da Santíssima Trindade, como nós vimos hoje de manhã são razões de fé. Eu estou fazendo filosofia. Não estou tratando dos mistérios da fé. Estou falando do que é conhecimento de Deus pela nossa própria razão. Independentemente, ou quase, da revelação cristã.

[São] Os limites da razão do intelecto humano para expressar isso que só podemos conhecer analogicamente e segundo categorias que na verdade são demasiados pobres para explicar a eternidade. Nós sequer conseguimos pensar segundo um antes e um depois. Eu conseguira falar sem um antes e um depois? Impossível, não é? Visto isso resta lembrar o seguinte, para piorar o ardo do assunto: entre o tempo e a eternidade existe ainda outra medida. Chama-se *evo* ou eviternidade. Que é isso? É aquilo aplicável propriamente aos anjos, ou seja, pressupõe-se que vocês concordem com a existência angélica, que não é só de revelação divina, é provada também racionalmente da seguinte maneira. Vemos na natureza uma gradação de entes. Há entes mais

nobres que outros, mais belos que outros, melhores que outros, com maior bondade. Entre o ínfimo grão de areia e o homem, que é a parte superior do mundo visível, há uma gradação sutil, são graus não tão distantes. De uma areia você vai para uma grama, de uma grama você vai para um vegetal maior, daí para uma árvore, daí para uma minhoca, da minhoca para um lagarto, para um pato, de um pato para um felino, do felino para um cachorro, de um cachorro para o cavalo, chegamos ao homem, certo?! Numa gradação tênue, equilibrada, coordenada.

Ora, e a distância entre o homem e Deus? O que preencheria esses graus? São exatamente os anjos. Enquanto nós homens somos os entes fronteiros entre o espiritual e o corpóreo, nós estamos na fronteira do visível e do invisível, somos corpo e alma, é preciso ocupar esse espaço que há entre nós e Deus, que é espírito puro, perfeitamente puro, sem potência passiva nenhuma e que é a própria eternidade. Isso é preenchido pelas chamadas substâncias separadas que chamamos *anjos*.

Na gradação da criação temos do mais ínfimo grão de areia até o homem num gradação equilibrada, sutil, de degrau a degrau, depois temos também nas ordens e hierarquias angélicas, que vai do anjo da guarda aos arcanjos, e daí a Deus. Temos assim uma ordenação do mais próximo do não-ser que é o grão de areia, até o mais próximo do ser perfeito, que é o arcanjo. Tudo isso [se vê num] belo capítulo segundo São Tomas. Que é chamado entre outras coisas de Doutor Angélico. Exatamente porque tratou [detidamente] dos anjos. Os anjos embora tenham sido criados um dia segundo o próprio Gênesis, tudo foi criado um dia, eles do pondo de vista do ser também não têm mudança, eles não se corrompe.

Os anjos não têm a sucessão temporal segundo o que conhecemos como antes de depois. Não se corrompem, são incorruptíveis. Mas eles têm algo que, sim, implica em um antes e um depois: é o pensamento. Eles podem mudar de idéia, daí o drama angélico do início dos tempos com a divisão entre demônios em anjos. Eles podem mudar de idéia, eles podem errar, e isso implica um antes e um depois, isso implica mudança. Ora, então podemos definir os anjos como aqueles seres, aqueles entes que segundo o seu ser substancial não são segundo um antes e um depois, mas cujo pensamento se pode aplicar às categorias segundo um antes e um depois. Eles não estão imersos no tempo, mas ao seu pensamento se aplica a medida segundo o antes e o depois, já que podem mudar. Só Deus é imutável no mais íntimo do seu pensamento, se é que eu posso dizer o mais íntimo, porque afinal Deus só tem um pensamento. Deus é o Seu próprio pensamento.

Os anjos, apesar da sua semelhança com Deus quanto à estabilidade, a incorruptibilidade e a permanência da forma substancial, não têm essa imutabilidade intelectual divina; têm um antes e um depois no sentido intelectual, e é isso que se chama evo ou eviternidade. Enquanto a medida daquilo que está imersa no tempo, porque é corpóreo, é o tempo, aquilo que se mede [apenas] segundo um antes e um depois [é o anjo].

E enquanto Deus tem por medida a eternidade, ou seja, a posse total, simultânea e completa da vida interminável, têm os anjos por medida a eviternidade, ou seja, aquilo que por certo ângulo se assemelha a Deus, e a certo ângulo se assemelha ao que está imerso no tempo. Assim é a eviternidade ou evo; é exatamente a medida intermediária entre a eternidade e o tempo. Só se aplica aos anjos o antes, a medida, o número, segundo o antes e o depois quanto à sua forma de pensar. Quanto à mutabilidade que é própria do seu modo de pensar. Poderíamos nos estender aqui durante três noites para ver a diferença entre Deus e os anjos; é obvio, até porque os anjos foram criados por Deus mesmo, mas isso basta por hora.

Ainda há que concluir o seguinte, e isso se diz a católicos: todos temos que a bem-aventurança — aqui saímos da filosofia e entramos na teologia — é aquela diferença é apontada de manhã. Entre fé e saber, fé e razão. Entramos agora na fé. Sabemos que o prêmio da bem-aventurança na chamada vida eterna, é a contemplação da essência de Deus em diversos graus. Desde o mais ínfimo pecador que foi salvo na última hora até o maior dos santos, até Nossa Senhora e os anjos. Os anjos também depois do episódio em que se separaram anjos e demônios, os que não viraram demônios foram contemplados com a luz beatífica. Esses anjos que já estão sob a luz da glória e os santos que já estão no céu sob a luz da glória, já não têm mutabilidade, nem sequer de pensamento. Eles já não mudam de opinião. Porque contemplando aquilo que é a mesma verdade, já não pode alterar. Veja, eu comecei hoje de manhã, e disse hoje, nós não temos a evidência de Deus; nós precisamos fazer um raciocínio. Quando estivermos, queria Ele que estejamos, diante d'Ele, olhando para a Sua mesma essência, já não podemos pecar, já não podemos mudar, já não erramos, já nada, porque o conhecimento da essência de Deus é como um imã de que não podemos fugir. Então aos que tiverem sob a luz da glória, sejam anjos ou homens, a imitação da eternidade da sua divindade será infinitamente maior. Mas esse é o que se chama um dom gratuito de Deus.

Meu amigo, dono do dog alemão aqui, me perguntou se eu digo que *do nada, nada pode ser feito*, como é que se diz que Deus fez o mundo *ex nihilo*, do nada — daí aniquilar. Fazer nada, tornar nada. Veja, vamos repetir a terceira prova;

São Tomás tem cinco vias para provar a existência de Deus. A terceira delas que para mim é a mais convincente de todas e é exatamente essa que diz o seguinte: Tudo quanto vemos um dia deixará de ser, e não é verdade? Esse copo um dia não deixará de ser? Nós não deixaremos de ser? A árvore não deixará de ser? A minhoca, pobrezinha, morrerá? O dog alemão do meu amigo não morrerá? Tudo deixará de ser. Tudo quanto vemos deixará de ser um dia. Agora, diz São Tomás, se tudo quanto um dia deixará de ser é porque um dia não foi. Você não pode ser eterno para trás e deixar de ser para o futuro. Ora, tudo quanto vai deixar de ser um dia é porque um dia não foi. Se tudo quanto existe um dia não foi, é porque um dia nada existiu. O nada absoluto é impossível porque do nada, nada pode surgir. É preciso que haja um ente que sempre tenha sido e que, portanto, tenha tirado o restante do nada; essa é a explicação, certo?! Imagine. Faça um esforço abstrativo, o nada se criando a si mesmo. É preciso um agente, um motor, algo que crie do nada. O nada não pode fazer-se em algo, é preciso que algo faça do nada outra coisa. Essa é a origem da idéia de criação de Deus.

Ora, você mesmo Ricardo, estava me falando que perguntando a um físico a origem do movimento dos astros e sua regularidade, a valsa dos astros... quem já viu aquele filme de 2001, *Odisséia no Espaço*, mostra os astros dançando uma valsa de Strauss. Isso tem parte de verdade, é bonito. O final do filme eu não gosto, não, mas essa parte é bonita, o balé dos astros. E os movimentos nem sequer são regulares, cada astro se movimenta de certa maneira e no entanto essa coisa tem uma ordem.

Dizia um velho filósofo no século V antes de Cristo: “É impossível que coisas que não pensam se dêem ordem a si mesmas.” Imaginem que você esteja passeando pelo Saara e vejam uma máquina que nunca tinham visto, nunca viram aquele tipo de máquina e está funcionando lá no meio do deserto do Saara; alguns de vocês hesitarão em atribuir imediatamente a criação desta máquina a uma inteligência? Alguém suporia que essa máquina surgiu do nada das areias do Saara? É impossível! Uma inteligência tem que ter criado essa máquina; onde há ordem há finalidade, onde as coisas se movimentam, se movem para determinado fim. Têm de ser movidas por uma inteligência. Isso já o velho pagão Anáxagoras descobriu lá na Grécia. Sócrates depois veio com a primeira prova mais sólida da existência de Deus, dizia Sócrates: “Nós vemos que os órgãos do homem contribuem para sua sobrevivência, vemos que o sol serve para fazer nascer as plantas, que as plantas servem para alimentar o homem, que os órgãos do homem se alimentam da planta para fazê-lo pesar. Tudo se destina a um fim, não é isso?”. O Sol tem certo vínculo com relação a planta, fazendo-as crescer; a planta tem o fim de alimentar o

homem, e a chuva igualmente; os órgãos alimentam o homem para que ele possa pensar. Ora, quem criou isso tudo? Só pode ter sido uma inteligência.

Eu me lembro que já li há alguns anos um livro fabuloso. O sujeito dizia que para ele as moléculas pensam e têm vontade. Isso é fantástico. Então as moléculas reúnem-se em assembléia permanente e decidem: “Agora eu vou criar o Ricardo”, e depois decidem: “Agora vamos matar esse sujeito que adora o *dog* alemão.” Não é possível!

Veja a que ponto de racionalismo chegamos. Você para justificar que não há um Deus que dê ordem e finalidade as coisas inventa que as moléculas, os átomos, e as células pensam e têm vontade própria, isso é fantástico. Algum cientista alguma vez em um laboratório conversou com uma molécula? Trocou um papinho com ela? Ou seja, beiramos a irracionalidade, a absurdidade mais absoluta com isso. Para você escapar a essas absurdidades, isso é de bom senso. Não precisa ter lido a Bíblia, ser cristão, não precisa nada. É de bom senso.

E quantos pagãos chegaram a esse bom senso? É preciso de uma inteligência ordenadora. *Um intelecto divino*. Sócrates disse o que eu acabei de dizer; Platão o chamava-o *Demiurgo*; Aristóteles o chama o *primeiro motor imóvel*; Cícero, dizem, morreu clamando “causa das causas, tenha misericórdia de mim”. Veio Cristo e todo o pensamento cristão e nada disso se interrompeu até que entramos num período meio [obscuro] até se achar que as células substituem a inteligência divina. Que a inteligência celular substitui a inteligência divina.

Pensem, quanto mais nos afastamos, no macro, ou seja, no universo, não conhecemos seu limite; em vez de nos tornar mais materialistas, deveríamos nos tornar mais crentes, porque como é possível que zilhões de anos-luz que essas coisas com buracos negros tenham tal ordem, tal regularidade, e não se espatifem? Porque os astros não se espatifam um contra os outros? Não se chocam? Porque mantêm certa regularidade? Dizem os defensores da tese do *Big Bang*: “O universo saiu da explosão de uma partícula ínfima de energia.” Dizia o bispo inglês do século XIII, [Roberto] Grosseteste: “Deus concentrou a luz numa partícula infinitamente condensada e a fez explodir; a luz condensando-se foi transformando-se nos astros”. Tá aí o *Big Bang*, que nem é invenção moderna; mas antigamente eles tinham a decência de indicar quem pôs a partícula lá. Essa é a diferença. Aliás, os modernos acham que descobriram a pólvora em tudo não é? Descobriram nada, tudo isso já foi dito há muito tempo. Cada teoria nova já foi dita antes.

Ao contrário, se saímos do macro e vamos para o micro: quantas vezes já encontraram a última partícula da molécula, não é? O átomo, o átomo se divide em elétron e próton e nêutron e eles vão se dividindo, dividindo e não termina nunca porque é um infinito potencial. Ora, um infinito potencial só pode ter sido criado por um infinito em ato, que é Deus mesmo. O nada não pode dar-se a si mesmo nem a existência, nem infinitude, nem sequer potencial. Faça um esforço de abstração. Do nada, nada se faz; o nada é nada, o nada é impensável exatamente porque não existe. O nada não é um tempo anterior à existência. Nós falamos do nada como a privação total e absoluta, mas uma coisa é pensar nele, outra coisa é [ele ser].

Vejam, eu posso pensar aqui em cocos que passeiam pela praia de mãos dadas, ou que saem voando do Cristo Redentor lá no Rio de Janeiro, não posso? Cocos voadores com asas, cocos que saem correndo pela praia e se abraçam e beijam; posso pensar e nem por isso eles existem. Ora, o nada, deixando de brincadeira, é algo que se pensa em contraposição ao ser, mas que não existe. O nada, nada é, é exatamente o não ser. O nada é o não ser, ele não existe.

Quando dizemos que Deus criou do nada, é porque ele tirou do nada, mas não que o nada exista. O nada não é uma espécie de mármore de que se faz uma estátua. O nada não é aquela madeira que fez aquela belíssima estátua que existe ali. O nada não é uma matéria prima de que é feita o universo. O nada é nada! E só Deus é o único artífice, o único artista capaz de fazer algo do nada. Todo e qualquer artista humano não faz nada do nada. Faz algo de algo. Um pintor pinta num quadro, faz algo novo, mas a partir de uma matéria já preexistente: a tinta. Quem faz uma estátua o faz a partir de um bloco de mármore, de um bloco de bronze, de um tronco como parece aquela peça inteiriça daquela imagem que temos ali. Ou seja, tudo quanto fazemos, fazemos a partir de algo que já existe. Se nós remontamos ao infinito e dizemos que algo que fez algo, que fez algo, que fez algo, nós inviabilizamos a própria existência desse algo porque uma série que não tem um primeiro não é uma série, não existe. É impossível.

Tentem pensar algo que não é o primeiro. Claro que não tem um primeiro. Se vocês me perguntam o que veio primeiro, o ovo ou a galinha, eu sei lá, eu não tenho a menor idéia, provavelmente a galinha porque Deus fez a galinha, mas teoricamente você pode supor, ovo galinha, ovo, galinha, ovo, galinha; mas o problema não é esse, o problema é quem pôs na existência essa seqüência interminável de ovo e galinha. Esse é o problema. É quem deu a ordem natural do ser galinha para botar o ovo do qual nasce a galinha que põe outro ovo. Quem organizou isso tudo, ou será que as células de uniram em assembléia permanente e fizeram a galinha e os ovos, mas além disso há de se

perguntar de onde surgiram tais células inteligentes. Alguém deve tê-las criado ou elas criaram a si mesmas? Veja, nada na existência pode criar-se a si mesmo; alguém duvidada disso? Alguém duvida que tem que nascer o homem ou qualquer outro animal da junção de um sêmen com um óvulo? Impossível. Ou é criado pela união de sêmen com óvulo ou não nascerá, não é isso? Ou seja, tudo pressupõe um antes. Se tudo pressupõe um antes é porque há algo que pôs tudo isso do nada na existência. Porque do nada, nada se faz por si mesmo.

Esse é um dos assuntos mais delicados. Nós não podemos remontar ao infinito uma série de causas existenciais. Nós podemos teoricamente supor uma sucessão ininterrupta para trás de ovo e galinha? Poderíamos; o problema é quem pôs o ovo e a galinha no mundo. Você pensar que sempre houve ovo e galinha sem que ninguém tenha posto no mundo é incorrer em absurdo. É supor que o ovo se fez a si mesmo, é cair no mesmo problema, contamos de novo: primeiro é o ovo ou a galinha? E isso não tem mais fim... A única solução para saber quem veio primeiro o ovo ou a galinha, é saber que alguém pôs o ovo e a galinha na existência tirando-os do nada.

Não podemos remontar o infinito da série de causas, é preciso haver uma causa primeira absolutamente imóvel, absolutamente imóvel no sentido de imutável, no sentido de não-corruptível, no sentido de não-mensurável segundo um antes e um depois. Mas. Sim. segundo a medida da eternidade, sem o que não se explica a própria eternidade. Ora, todos havemos de convir que de tudo quanto conhecemos, inclusive nós mesmos, é relativo. Não é relativo? Nós somos absolutos? Nós somos donos da nossa existência? Nós nos damos o ser? Nós podemos impedir a nossa morte? Tem gente que sonha, não é? Dizem que Walt Disney mandou que quando pegassem seu cadáver pusessem dentro do gelo porque um dia iam descobrir a vida eterna, e aí tirá-lo do gelo.

As pessoas podem sonhar o que quiserem, mas o fato é que nós não podemos nem nos dar a existência nem impedir o fim de nossa existência. Podemos? Não somos donos de nós mesmos. Somos entes relativos. Olha, a relação é sempre com relação *a algo*. Se eu sou professor, sou professor com relação ao aluno. Um pai só é pai com relação ao filho. Para que haja coisas relativas é preciso que haja uma coisa absoluta. Todo relativo pressupõe o absoluto. E olha, absoluto é aquele que sempre existiu e nunca deixará de existir. É aquele que não se mede nem por um antes nem por um depois, mas que é a eternidade que falamos aqui o tempo inteiro. Para que haja o relativo, e somos todos relativos, desde o grão de areia até nós mesmos, até os anjos. Para que

haja um relativo é preciso que haja um absoluto. Porque se não, um relativo não pode ser relativo a coisa nenhuma.

Eu digo mais, além de sermos todos relativos, o homem é, digamos, um pouquinho absoluto. Ele de certa forma decide sobre a sua existência. Eu posso decidir ser padre, eu posso decidir casar, posso decidir ter um *dog* alemão, posso decidir um monte de coisas; então [somos] relativamente absolutos. Ora, o relativamente absoluto pressupõe um absolutamente absoluto, sem o que não é possível. E podemos ir nesse raciocínio em que tudo quanto é relativo pressupõe o absoluto e tudo quanto se move pressupõe o imóvel, e tudo o que não se corrompe pressupõe um incorruptível, e tudo quanto tem ordem pressupõem um ordenador.

Tudo quanto tem fim, pressupõe uma causa final e Deus é a causa final absoluta de tudo, como eu disse de manhã.

Claro, isso é uma explicação sucinta. Só esse tema nós podemos ficar discutindo, podemos ficar uma no rebatendo na mesma tecla, apresentando as provas pelos mais diversos ângulos, apresentando as cinco vias de São Tomás, por exemplo, que são belíssimas. E naturalmente nesse pequeno tempo estou dando por pressuposto diversos conceitos com os quais alguns de vocês não têm intimidade. Mas não importa, é assim mesmo. A história pessoal do saber, o crescimento, o progresso intelectual pressupõe que o primeiro contato com a verdade seja traumático, seja difícil, seja árduo. Você vai aprendendo aos poucos. A verdade é uma selva e você vai aos poucos abrindo clareiras nela. Lembrem-se do que eu disse de manhã: o intelecto humano é progressivo. Ele é passível de progresso, tanto em termos individuais como em termos coletivos.

A história da humanidade é passível de progresso individual. E exatamente o que estamos ordenados ao infinito é que somos potencialmente infinitos na própria inteligência. Claro, só Deus é infinito em ato, de fato. Lembrem-se do exemplo que eu dei hoje. Um ferreiro pode trabalhar com um número potencialmente infinito de ferramentas. Você pode imaginar um número infinito de ferramentas à disposição de um ferreiro. Ele, no entanto, vai realmente trabalhar com esse número infinito de ferramentas? Impossível. Ele é só potencialmente infinito. A mesma coisa é o nosso intelecto: é potencialmente infinito, embora nunca vá ser infinito mesmo. Repetindo o argumento anterior, para que ele seja potencialmente infinito é preciso que tenha algo que seja infinito.

E este algo é Deus.